



PPRI

**Partido Proletário
Revolucionário
Internacionalista**

O cessar-fogo no Líbano é apenas uma pausa na ofensiva sionista. O governo Netanyahu quer ter as mãos livres para completar a limpeza étnica no norte de Gaza e prosseguir com sua ofensiva contra a Síria e o Irã

A luta da resistência e das massas palestinas, libanesas, iraquianas, iemenitas, etc. deve continuar, até derrotar o sionismo e expulsar o imperialismo do Oriente Médio!

A classe operária deve encabeçar essa luta, com greves, bloqueios, boicotes para estrangular os interesses sionistas e imperialistas, e impor a ruptura de todos seus acordos com Israel aos governos cúmplices!



Um cessar-fogo por 60 dias entre Israel e Hezbollah foi acordado. Esse acordo foi anunciado na noite do dia 26 de novembro. Toma-se a Resolução 1701 da ONU como base desse acordo, a que pôs fim à guerra de 2006 entre o Hezbollah e Israel. Segundo os termos desse acordo, as forças israelenses se retirarão do sul do Líbano em até dois meses, e a chamada Linha Azul – uma faixa de 15 quilômetros que divide os dois países – passará ao controle da Força Interina da ONU (“casco azul”) e ao exército nacional libanês.

Netanyahu anunciou o acordo como uma vitória, ao serem cumpridos os objetivos de destruir as capacidades militares do Hezbollah, e de garantir a segurança da fronteira norte. Disse ainda que, agora, Israel poderá recuperar as perdas em tropas e equipamentos, ao impedir que o Hamas e o Hezbollah combatam o exército israelense ao mesmo tempo e, fundamentalmente, porque poderá começar a planejar quais respostas serão dadas à Síria e ao Irã, tanto no campo político como militar.

Mas, o acordo representa mais uma derrota para o sionismo diante do Hezbollah. Israel não conseguiu destruir as capacidades militares do Hezbollah. Pelo contrário, em meio à sua ofensiva, choveram foguetes contra as colônias sionistas e alvos militares israelenses. O Hamas continuou a combater os sionistas e a produzir perdas de homens e equipamentos. Os israelenses não conseguiram ir além de 15 a 20 quilômetros dentro do território libanês. De forma que a derrota da invasão, no cumprimento de seus objetivos, fortalece a autoridade do Hezbollah, que demonstrou ser capaz de impor pesadas derrotas ao exército sionista, e ser intransigente na luta contra a ocupação militar.

O cessar-fogo foi imposto a Israel pelos EUA. Isso irritou setores ultraortodoxos e

direitistas, que criticaram o primeiro-ministro, por aceitá-lo, como se fosse uma traição. Ainda que o imperialismo tenha imposto o acordo aos sionistas, no lugar de aceitá-lo, eles exigiram que os EUA dessem um cheque em branco para retomar a invasão do Líbano em outro momento. Os EUA aceitaram a mudança e, desse modo, evitaram continuar financiando e armando uma guerra que consumiria grande parte de seus estoques militares, justamente no momento em que precisa acumular e concentrar suas capacidades bélicas para enfrentar a Rússia, a China, o Irã e a Síria. A Síria se tem aproximado do Irã, e conta com apoio da Rússia. A Rússia apoia, arma, protege e provê de inteligência o Irã. Para avançar no estabelecimento de novas fronteiras nacionais de acordo com os interesses monopolistas, o imperialismo deve destruir ou subordinar os países e governo que lhe opõem resistência, e assim ensaiam diariamente provocações diplomáticas e ameaças militares contra os países que bloqueiam o expansionismo imperialista no Oriente Médio. A recente ofensiva de milícias pró-imperialistas e pró-sionistas na Síria, que estão atacando o Exército Árabe Sírio e tropas russas, prova isso. É um objetivo do imperialismo desgastar militarmente o exército sírio, reacendendo a "guerra civil", enfraquecendo suas capacidades, e comprometendo a Rússia em sua defesa. O sionismo age em meio a essas manobras dos EUA, com o mesmo objetivo, mas por trás da estratégia de colonizar as Colinas do Golã.

Entretanto, os ataques do Irã a Israel; a ação dos houthis, que paralisam o transporte marítimo no Mar Vermelho, e seus ataques contínuos a alvos militares de Israel; as ações das milícias iraquianas contra bases da ocupação norte-americana; dentre outras manifestações, confluem com a luta da resistência libanesa e palestina em uma frente única de combate contra um mesmo inimigo. É esse o ponto de partida dos marxistas e de todos os que genuína e legitimamente defendem a luta armada e a resistência ao extermínio, como meios de luta legítimos no combate pela autodeterminação nacional palestina.

A defesa incondicional da resistência e de seu legítimo direito a empunhar as armas contra seus algozes, sem concordar com o programa e métodos de suas direções políticas e militares, significa cavar uma trincheira de classe junto dos oprimidos, pela derrota do sionismo e do imperialismo. A derrota dos opressores e genocidas favorecerá a luta de classes do proletariado nos países imperialistas, ao enfraquecer seu principal inimigo em sua própria casa, e avançar no sentido da revolução social, e favorecerá a luta de classes nos países atrasados, oprimidos pelo imperialismo.

Essa tarefa depende, fundamentalmente, de a classe operária mundial avançar em sua independência de classe, rompendo com as direções traidoras e governos cúmplices do genocídio, e estrangular os interesses econômicos e políticos dos sionistas em seus países, por meio da luta de classes, (greves, ocupações, bloqueios, etc.), impondo assim o fim de todos os acordos com o estado genocida de Israel, com a força coletiva das massas em luta. O proletariado árabe poderá estar à cabeça dessa luta, ao bloquear qualquer apoio de seus governos a Israel. Paralisar a indústria petrolífera, fechar portos da região com piquetes e bloqueios, imobilizar a produção de bens e serviços exportados para Israel, etc., seria a maior ação solidária e a mais moral das atitudes internacionalistas para com seus irmãos trucidados, exterminados e expulsos da Palestina, mas também do Líbano, da Síria, etc.

A luta unitária das massas árabes junto à classe operária mundial abrirá o caminho para a destruição do estado de Israel, um câncer criado pelo imperialismo para dominar Oriente Médio, e construir sobre seus escombros um Estado Operário, produto do avanço das massas sob a estratégia da revolução e ditadura proletárias, acabando com a exploração de classe e a opressão nacional, sob a estratégia dos Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio, que será um guia na luta revolucionária pelo socialismo.